



INSTITUTO FEDERAL
SÃO PAULO
Câmpus Sertãozinho



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CAMPUS SERTÃOZINHO**

JOSIANE DE PAULA JORGE

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
SAÚDE MENTAL DISCENTE E EPT: CONHECER PARA ATUAR

SERTÃOZINHO - SP

2019

JOSIANE DE PAULA JORGE

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
SAÚDE MENTAL DISCENTE E EPT: CONHECER PARA ATUAR

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Palucci Pantoni

SERTÃOZINHO - SP

2019

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pela autora.

Jorge, Josiane de Paula
Proposta para promoção da saúde mental discente no contexto da educação profissional e tecnológica. / Josiane de Paula Jorge -- Sertãozinho - SP, 2019.
29 f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Palucci Pantoni
Produto educacional (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2019.

1. Saúde mental. 2. Educação profissional e tecnológica 3. Ensino médio integrado. 4. Psicologia escolar. I. Pantoni, Rodrigo Palucci. II. Título.

PROPOSTA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DISCENTE

Para a construção deste produto educacional, teve-se como base a relação da psicologia escolar com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O espaço escolar, por si só, desafia e forma a atuação do psicólogo na educação. A escola comporta em si uma função política e deve promover o exercício da cidadania e a luta pela transformação social (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2010). É com esta perspectiva que este produto educacional foi traçado.

O conhecimento crítico, produzido a partir da pesquisa sobre a realidade, germinou o produto educacional, que se constitui em ações em busca da transformação. A proposta para a promoção da saúde mental discente que se construiu não se trata de uma fórmula, receita ou resposta pronta para as problemáticas existentes no terreno da EPT e da educação brasileira como um todo. Não se buscou uma solução pronta, que resolvesse todas as questões carentes neste setor. Procurou-se, sim, promover a reflexão, estimular o pensamento crítico e levantar possibilidades que possam favorecer experiências positivas no ambiente escolar, em específico, na EPT.

Buscou-se, para tanto, construir um ciclo de investigação, não cristalizado, que possa servir como partida para diferentes atuações envolvendo a temática, que pode e deve ser adaptado e aprimorado conforme a realidade de cada contexto:

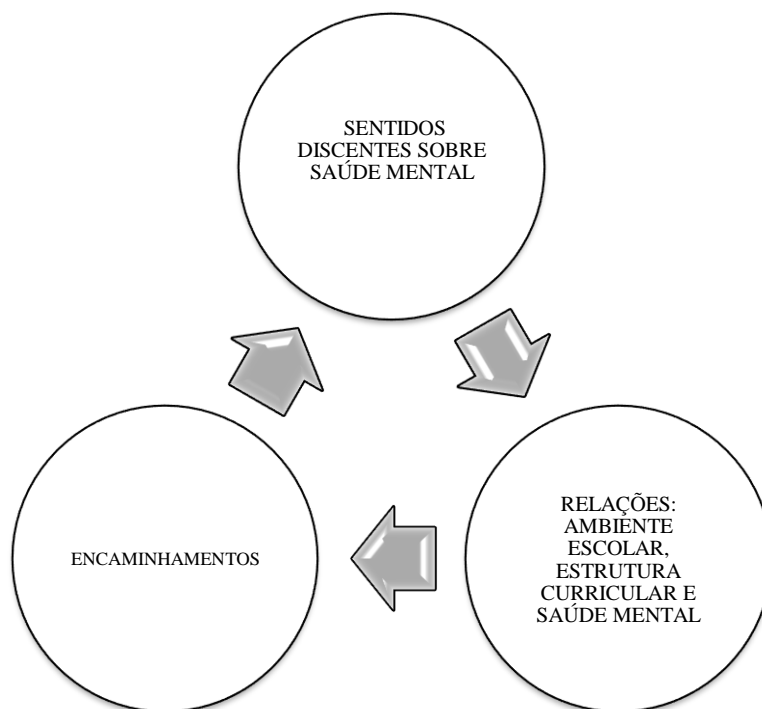


Figura: Ciclo de funcionamento da proposta

Nesta proposta, o acesso ao pensamento dos participantes, que se realiza na linguagem, na palavra, se deu por meio dos instrumentos de coleta de dados: os grupos focais e os questionários. A fase de coleta pode ser realizada com os instrumentos que o pesquisador ou educador escolher, desde que seja possível com eles acessar o pensamento e a linguagem dos participantes. Neste caso, as entrevistas abertas ou semiestruturadas também podem ser grandes aliadas (PEREIRA; BOCK, 2018). Com os educadores, como foi realizado com os discentes, também podem ser realizados os grupos focais, a fim de complementar os dados da pesquisa.

O processo de verificação da relação entre saúde mental discente, ambiente escolar e estrutura curricular ocorreu durante a análise e discussão dos dados. Momento em que o pesquisador se depara com uma grande quantidade de conteúdo e significações. Mas para se alcançar os sentidos, é necessário ultrapassar a realidade imediata.

Nesta pesquisa as ferramentas teóricas utilizadas para a organização do conteúdo se mostraram favoráveis para isso. Nesse momento, as teorizações de Vigotski, Saviani, Ramos, entre outros autores, foram fundamentais para o olhar atento e crítico sobre os dados.

A partir desse processo de levantamento e análise de dados sobre a saúde mental discente no ambiente da EPT, foi possível pensar em uma proposta de encaminhamento específico para atuação sobre a realidade pesquisada: a formação continuada para docentes sobre a saúde mental discente. Este encaminhamento se constituiu no produto educacional desta pesquisa, como proposta de ação para as problemáticas identificadas com a pesquisa, no que concerne a saúde mental discente. É necessário salientar que a promoção da saúde mental na educação não ocorre sem o envolvimento de todos os atores escolares.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

O psicólogo escolar é requerido a orientar os docentes sobre as demandas acerca da saúde mental discente (JORGE, 2018). Isto pode ser trabalhado, entre outros espaços institucionais, na EFC (Equipe de Formação Continuada) de professores, comissão esta que faz parte da política de formação continuada de professores do IFSP, que foi aprovada pela resolução nº 138/2015, de 08 de dezembro de 2015, e promove ações e atividades direcionadas para o processo de aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional docente.

De acordo com Cardoso, Reis e Iervolino (2008), assim como se constatou nesta pesquisa, para se criar ambientes escolares mais saudáveis são necessários à participação e envolvimento efetivos de todos os atores educacionais e entre eles estão os docentes. Para as autoras,

O professor exerce uma influência constante e ativa sobre os conceitos de saúde e doença dos seus alunos, sua sensibilidade e didática devem dar condições de repassar informações acerca de saúde e adaptá-las ao ambiente escolar, necessitando assim de um suporte na área para subsidiar o seu trabalho (CARDOSO, REIS E IERVOLINO, 2008, p.108).

O professor torna-se, comumente, referência para seus alunos, podendo fomentar a compreensão e adoção de comportamentos e hábitos saudáveis. Pode tornar-se fator de proteção da saúde de seus alunos, ao perceber fatores de risco no ambiente escolar. Mas para isso, precisa estar preparado (CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008).

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) avaliam que os professores devem ser capacitados para a observação das questões de saúde de seus escolares, mas em sentido amplo, levando em consideração a qualidade de vida dos discentes, para que assim possam percebê-los em todas as suas necessidades. As autoras sinalizam que é necessário entender as relações que os alunos têm com suas famílias, com o grupo social, ou seja, com o mundo em que vivem.

Como recomendações, Cardoso, Reis e Iervolino (2008) indicam que seja realizado “[...] um trabalho contínuo, que faça parte do cronograma de atividades curriculares das escolas, como temas transversais, que abordem à saúde de forma positiva com enfoque na qualidade de vida” (p. 113). Apontam para a necessidade de envolver os docentes neste trabalho, de forma participativa e respeitando suas necessidades e saberes. Pontuam a importância de novos debates e abordagens que contribuam “[...] para a formação de cidadãos que mais tarde possam mudar as relações sociais, tornando-as mais justas, afetivas, éticas, solidárias, enfim, uma sociedade melhor [...]” (CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008, p. 113).

A escola pode verdadeiramente ser um espaço de “[...] desenvolvimento de estilos de vida saudáveis na medida em que os professores passem a atuar de forma mais crítica, criativa e reflexiva” (VIEIRA, 2017, p. 928). Os docentes podem fomentar seus alunos a pensar sobre seu papel social, seu estar no mundo, a partir da promoção de um ambiente escolar prazeroso e solidário, o que poderá contribuir para a construção, também, de uma sociedade mais solidária, fraterna e saudável.

Sodré (2017) percebeu que alguns docentes culpabilizam ou responsabilizam o próprio discente por seu sofrimento psíquico e dificuldades acadêmicas. Neste sentido, a

autora procura problematizar questões sobre os processos de escolarização. Adverte que, atualmente, é necessário construir estratégias para atuar com os docentes, objetivando estimulá-los para essas discussões, o que emerge como um desafio na prática escolar. Ao construir espaços de diálogo entre docentes e discentes sobre questões de saúde, a escola pode se constituir em um espaço de interlocuções subjetivas, promovendo a saúde mental (BRITO, 2017).

Ao se trabalhar com a questão do conhecimento do professor sobre determinada temática, neste caso a saúde mental discente, é necessário abordá-lo a partir de sua prática, de suas experiências em seu contexto de trabalho (TARDIF, 2013). Assim como o sentido, o saber docente está vinculado às relações humanas, visto que:

Para os professores, seus conhecimentos estão profundamente ancorados em suas experiências de vida no trabalho. Isso não quer dizer que os professores não utilizem conhecimentos externos provenientes, por exemplo, de sua formação, da pesquisa, dos programas ou de outras fontes de conhecimento. Isso quer dizer, no entanto, que esses conhecimentos externos são reinterpretados em função das necessidades específicas a seu trabalho (TARDIF, 2013, p.568).

Assim, o desenvolvimento profissional docente deve-se consolidar em seu ambiente de trabalho, como um processo individual, coletivo e colaborativo, possibilitando o aprimoramento profissional pautado na ciência. É necessário para isso, fomentar, no contexto de trabalho, espaços de reflexões coletivas, em que os professores possam organizar e dar coerência à suas problemáticas e angústias a partir de atividades grupais. Espaços estes que permitam que esses profissionais encontrem recursos e apoio para os diversos sofrimentos, conflitos e impasses que atravessam suas rotinas escolares (SOUZA, 2008; SOUZA, 2013).

De acordo com Martins (2018, p.75), estes espaços coletivos “[...] podem se tornar um importante instrumento de formação de professores, pois são nesses espaços que os sujeitos encontram a possibilidade de revelar seus saberes e compartilhar suas dúvidas colocando em circulação suas posições teórico-práticas e as crenças que as sustentam”. Para a mesma autora, a formação do professor não se dá apenas na relação consigo próprio, mas passa pelos outros profissionais, pelas relações que estabelecem, bem como com as experiências e aprendizagens que ocorrem ao longo de sua trajetória profissional e pessoal.

Contini (2010) revela o processo educacional como promissor para “[...] uma reflexão que aponta para as determinações afetivas, sociais, econômicas, etc., que estão

influenciando diretamente na construção da existência do homem” (p. 92). Explicita que:

Esse processo se traduz na tomada de consciência do sujeito, e consequentemente, na construção de projetos de vida, calcados na realidade. Esse movimento é considerado como espaço de promoção da saúde, dentro do trabalho educacional, que enfoca a constituição das relações e papéis no contexto educacional, cabendo ao psicólogo desenvolver tal espaço (p. 92).

Cabe ao psicólogo escolar, portanto, a construção de espaços, dentro do contexto educacional, que possibilitem estas reflexões. Para Contini (2010), “a ação do psicólogo seria a de construir espaços possíveis de interlocução com os diferentes personagens do sistema escolar, valorizando neste contexto a figura do professor” (p. 93). Da mesma forma, Martins (2018) salienta que “valorizar o conhecimento produzido em contexto escolar é reconhecer a própria escola como espaço de construção da aprendizagem docente” (p. 77).

Este trabalho, segundo Contini (2010), pode promover a saúde, na medida em que produz rupturas nas práticas enrijecidas do cotidiano escolar. Estas rupturas podem resgatar as potencialidades e autoestima do estudante, bem como do educador, “[...] vítima de um sistema que o desvaloriza de forma sistemática e ostensivamente, afetando sua autoimagem. Essas rupturas podem, enfim, concretizar-se através de novas práticas escolares” (CONTINI, 2010, p. 92).

É o que se espera configurar com esta proposta de atuação: fomentar práticas transformadoras, a favor do pleno desenvolvimento humano, por meio do trabalho formativo com professores/educadores. Já alertava Giroux (1997) para a concepção do docente como profissional reflexivo, ao defender e compreender o professor como um intelectual transformador.

É indispensável, portanto, desenvolver ações voltadas para o desenvolvimento profissional docente, que abarquem as problemáticas da saúde mental discente dentro do contexto escolar da EPT e (res)signifique o olhar para o sofrimento psíquico. Para isso, compreender o docente como profissional preparado para “[...] refletir e produzir conhecimentos sobre seu trabalho” (SILVA, 2011, p. 25) é fundamental.

Com base nesta práxis e tendo em vista os resultados e análises desta pesquisa, foi desenvolvida e aplicada uma proposta de produto educacional referente à formação continuada de professores, cujo tema é a saúde mental discente no contexto da EPT.

APLICAÇÃO DO PRODUTO: FORMAÇÃO CONTINUADA

Para o desenvolvimento da formação, foi construída inicialmente uma ementa, que evidencia o conteúdo a ser abordado, bem como a dinâmica de trabalho:

| SAÚDE MENTAL DISCENTE E EPT: CONHECER PARA ATUAR | | | |
|--|--|---|---|
| Observação | Proposta de formação continuada desenvolvida como produto educacional da pesquisa de mestrado do ProfEPT. | | |
| Público Alvo | Docentes dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. | | |
| Problematização | Com a pesquisa notou-se as constantes queixas discentes a respeito de questões emocionais e saúde psíquica, no contexto da EPT, principalmente entre os alunos do EMI. Torna-se necessário o compromisso da escola e da comunidade escolar em romper preconceitos (de classe, cor, gênero), estigmas e estereótipos que envolvem o tema da saúde mental discente, além de uma atuação para a promoção da saúde mental. Para isso, é indispensável promover informações e a construção de saberes acerca da temática no interior da escola. | | |
| Objetivo Geral | Promover o conhecimento sobre a saúde mental dos alunos do EMI do IFSP Câmpus Sertãozinho, a fim de sensibilizar os docentes para as questões de saúde mental, construir saberes sobre a temática, dirimir preconceitos e estigmas, bem como promover a saúde mental destes estudantes; além de trabalhar a especificidade da EPT e sua relação com a saúde mental discente. | | |
| Conteúdos e Métodos | | | |
| Encontros | Objetivos Específicos | Conteúdos | Dinâmicas |
| Encontro I | Apresentar a pesquisa de mestrado e o produto educacional; Introduzir o conceito de saúde mental e o significado de sofrimento psíquico; Introduzir conteúdos da EPT (educação profissional, EMI, currículo integrado). | Conceito de saúde mental e sofrimento psíquico; Bases conceituais em EPT; Experiências nos IFs; Resultados e análises da pesquisa. | Atividade I: Apresentação inicial; Atividade II: Apresentação expositiva e dialogada com auxílio de slides, imagens e vídeos. Atividade III: Discussão e perguntas. |

| | | | |
|----------------------------------|---|---|---|
| Encontro II | Compartilhar impressões, informações e sentidos sobre a temática e sobre a pesquisa para a construção coletiva da prática educacional frente à saúde mental discente; Apresentar uma perspectiva para pensar e atuar acerca da temática no ambiente escolar da EPT; Abordar as relações entre EPT e saúde mental discente. | Resultados e análises da pesquisa; Bases conceituais em EPT; Discussão de caso fictício embasado na pesquisa. | Atividade I: Retomada didática do conteúdo. Atividade II: Apresentação expositiva e dialogada, com o auxílio de slides e imagens. Atividade III: Discussão e perguntas. |
| Encontro III ¹ | Explicitar a prática do psicólogo escolar na EPT; Apresentar os conceitos de fatores de risco e proteção à saúde mental; Apresentar uma perspectiva para pensar e atuar acerca da temática no ambiente escolar da EPT; | Prática do Psicólogo Escolar; Fatores de risco e proteção à saúde mental; Bases conceituais em EPT; Discussão de caso fictício embasado na pesquisa. | Atividade I: Retomada didática do conteúdo. Atividade II: Apresentação expositiva e dialogada, com o auxílio de slides e imagens. Atividade III: Discussão e perguntas. Atividade IV: Orientações para a avaliação da formação. Encerramento. |
| Referencial Bibliográfico | BRITO, D. D. S. A escola como um espaço de construção para a promoção da saúde mental: um relato de experiência. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior . 1ª ed., vol. 4, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 155-166. CÂNDIDO, M. R. et al. Conceitos e preconceitos sobre transtornos mentais: um debate necessário. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas . Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p.110-117, Dez. 2012. Disponível em: | | |

¹ A proposta de formação continuada foi inicialmente pensada e idealizada apenas para os docentes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, tendo em vista o público alvo desta pesquisa. Após a realização do primeiro encontro, os professores participantes sugeriram que o conteúdo da formação poderia ser estendido para todos os docentes do Câmpus, visto que consideraram que todos podem, em algum momento, ministrar aulas para os cursos técnicos integrados, bem como entenderam o conteúdo da formação como importante para todos os profissionais, independente do curso. Desta forma, o terceiro encontro foi elaborado após esta sugestão ocorrida no primeiro encontro, sendo os dois encontros finais realizados durante os dois dias de planejamento semestral do Câmpus.

| | |
|--|---|
| | <p><http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-69762012000300002&script=sci_arttext&tlng=pt > Acesso em: 23 abr. 2018.</p> <p>CONTINI, M. L. J. O psicólogo e a promoção de saúde na educação. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.</p> <p>ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014. Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais, n. 40, 2014, p. 391-404.</p> <p>JORGE, J. P. Saúde mental discente: reflexões a partir da experiência como psicóloga escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior. 1ª ed., vol. 8, Teresina: EDUFPI, 2018. p.93-103.</p> <p>PACHECO, E. M. Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010.</p> <p>SAVIANI, D. O choque teórico da politécnica. Trabalho, Educação e Saúde, v.1, n.1, p. 131-152, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462003000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 23 abr. 2018.</p> <p>_____. Escola e democracia. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.</p> <p>RAMOS, M. N. O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 32, n. 116, p. 771-778, jul/set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a09v32n116.pdf> Acesso em: 23 abr. 2018.</p> <p>_____. Ensino médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.</p> |
|--|---|

Tabela: Ementa da formação

O primeiro encontro da formação teve duração de duas horas e participaram 29 docentes do EMI, que foram convocados para a atividade pelo Diretor de Ensino do Câmpus, o qual é o orientador desta pesquisa e também assistiu à formação.

Neste dia, foram apresentados os objetivos, o tema e o produto educacional da pesquisa. Foram introduzidos, de forma expositiva e dialogada, os conceitos de saúde mental e sofrimento psíquico, bem como os conteúdos referentes aos dados e análises da pesquisa, sem a exposição de nenhuma informação de identificação dos participantes

desta investigação. Para isso, foram usados slides para apoio das atividades desenvolvidas no encontro, conforme Tabela 2.

Ao final deste primeiro encontro, alguns dos docentes participantes sugeriram ao Diretor de Ensino que o conteúdo da formação fosse estendido para todos os professores do Câmpus, visto que consideraram que todos podem, em algum momento, ministrar aulas para o EMI, bem como entenderam o conteúdo da formação como importante para todos os profissionais, independente do curso. Esta sugestão foi acatada pelo Diretor de Ensino, o que possibilitou a construção de um terceiro encontro da formação, que não estava inicialmente previsto, com o intuito de oportunizar um maior espaço e tempo para as discussões sobre o tema, já que o primeiro encontro de duas horas não foi suficiente para o término das discussões planejadas para este dia. Desta forma, os dois encontros finais foram programados para serem realizados durante os dois dias de planejamento semestral do Câmpus, momento em que todos os servidores estariam reunidos para o retorno ao semestre letivo, sendo oportuno para a continuidade da formação.

O segundo encontro, portanto, ocorreu com um intervalo de 42 dias do primeiro, com duração de duas horas e participação de 73 docentes, bem como do Diretor Geral, da Diretora Adjunta Acadêmica e do Diretor de Ensino. Neste encontro, foram inicialmente apresentados os objetivos, o tema e o produto educacional da pesquisa, bem como foram explicitados os motivos pelos quais a formação foi estendida para todos os docentes do Câmpus. Em seguida, foram retomados alguns conteúdos do primeiro dia de formação, a fim de contextualizar os novos participantes. Posteriormente, foram apresentados de forma expositiva e dialogada os conteúdos planejados para esse encontro da formação, que foi finalizada com a discussão de um caso fictício embasado na pesquisada realizada.

O terceiro encontro foi realizado no segundo dia do planejamento semestral do Câmpus, com duração de aproximadamente 90 minutos e participação de 67 docentes, bem como do coordenador da CSP, do Diretor Geral, da Diretora Adjunta Acadêmica e do Diretor de Ensino. Inicialmente, foram retomados, rapidamente, os conteúdos dos encontros anteriores e em seguida foram abordados, de forma expositiva e dialogada, a atuação do psicólogo escolar e os conceitos de fatores de risco e proteção à saúde mental, sendo este encontro também finalizado por meio da discussão de um caso fictício embasado na pesquisa realizada. Logo em seguida ao final da discussão do caso,

foram tratadas das orientações para avaliação da formação pelos participantes e as atividades foram encerradas.

AVALIAÇÃO DO PRODUTO: FORMAÇÃO CONTINUADA

A fim de avaliar a formação continuada ofertada para os docentes, foram elaborados e aplicados dois questionários *online* (Apêndice) para os participantes: um apenas para os docentes participantes e outro para os gestores e coordenadores, a fim de coletar também as impressões destes sobre os educadores que coordenam. Os questionários foram enviados por e-mail institucional para todos os participantes da formação, tendo obtido 12 respostas docentes e 03 dos gestores (Diretor Geral, Diretor de Ensino e Diretora Adjunta Acadêmica). Foram enviados, também por e-mail, lembretes para que os questionários fossem respondidos. Mesmo assim, o número de respostas foi pequeno, comparado ao número de participantes da formação, mas expressivo.

O processo de análise destes questionários também utilizou as orientações sobre a organização dos dados de Minayo (2012), conforme capítulo V. Durante o processo de análise dos questionários, os docentes foram nomeados pela letra “P” acompanhada de um número de 1 a 12, e os gestores pela letra “G” acompanhado de um número de 1 a 3, a fim de assegurar o anonimato dos participantes.

Dos 15 participantes que responderam aos questionários *online*, 11 ficaram satisfeitos com o conteúdo da formação, 03 não ficaram satisfeitos nem insatisfeitos e 01 não ficou satisfeito. Sobre a relevância da formação para o trabalho de cada participante, 10 consideraram ser relevante, 04 não consideraram relevante nem irrelevante e 01 considerou irrelevante. Os comentários abaixo ilustram a importância da formação:

Foi relevante, pois propiciou a reflexão sobre nossas práticas enquanto docente (G13, QUESTIONÁRIO).

Temos muitos alunos com problemas psicológicos e certamente o conhecimento transmitido apoia os professores na sala de aula (G15, QUESTIONÁRIO).

Sobre os pontos mais importantes da formação, apontaram a apresentação do conceito de sofrimento psíquico, as discussões de casos, a possibilidade de poder refletir sobre a prática docente, a temática referente à integração curricular, relações sobre saúde mental e currículo, bem como a abordagem da saúde mental discente “[...] como

ponto essencial durante o itinerário escolar” (P5, QUESTIONÁRIO). Foram também citados:

A abordagem da questão da sobrecarga de estudos impostas aos alunos; A abordagem do sentimento de frustração que pode afetar os alunos (P6, QUESTIONÁRIO).

Esclarecer o papel do docente frente a questões de saúde mental dos discentes; Motivar a discussão sobre as práticas docentes que atuam como 'protetores' ou 'desencadeadores' dos alunos frente a questões de saúde mental (P9, QUESTIONÁRIO).

Apresentação do panorama relativo à saúde mental dos alunos, bem como o alerta sobre os riscos contidos na normalização de termos como "ansiedade" (P11, QUESTIONÁRIO).

A possibilidade de uma reflexão conjunta sobre como o servidores do câmpus podem atuar para minimizar o sofrimento psíquico dos alunos (G13, QUESTIONÁRIO).

Desenvolver empatia (G14, QUESTIONÁRIO).

[...] as discussões geradas foi o mais importante. As reflexões em relação aos sentimentos dos alunos. O exercício de empatia dos servidores em relação aos alunos (G15, QUESTIONÁRIO).

Os comentários sobre a formação ofertada revelam a importância da construção de um espaço para reflexão coletiva sobre a temática abordada, como encontrado na revisão bibliográfica e recomendações teóricas. Um espaço para pensar e levantar estratégias em conjunto, a partir de suas experiências, mais que a necessidade da exposição de conceitos e conteúdos teóricos. Denotam também a apropriação de conteúdos trabalhados como a naturalização de diagnósticos, conceito de sofrimento psíquico, empatia, fatores de proteção e de risco, experiências dos discentes nos IFs, até mesmo o levantamento de estratégia de ação:

Ideia da tutoria dos estudantes de 1º ano pelos colegas dos últimos anos, como forma de minimizar os impactos da mudança de nível de ensino (P8, QUESTIONÁRIO).

Ao refletirem sobre a formação de professores, Nörnberg e Pereira (2015, apud MARTINS, 2018), legitimam esta percepção ao explicarem que:

O território da formação é habitado por atores individuais e coletivos. Portanto, a aprendizagem em comum facilita a consolidação de dispositivos de colaboração profissional e a concepção de espaços coletivos de trabalho pode constituir um excelente instrumento de formação. É no espaço coletivo que os sujeitos se veem diante da oportunidade de revelar seus saberes, suas lógicas, suas dúvidas. Enfim, as posições teórico-práticas e as crenças que sustentam são postas em circulação (p.3).

A formação realizada trata-se de um passo para um processo de trabalho preventivo de sofrimentos psíquicos de alunos do EMI e de promoção à saúde mental destes mesmos discentes. Esta formação não almejou solucionar as problemáticas

envolvendo o tema, mas fomentar a reflexão e a construção de estratégias de ação pelos próprios docentes.

[...] a formação deu início a uma reflexão sobre o tema. Tenho certeza que, após a formação, os servidores irão olhar com outros olhos para os alunos dos integrados. É muito complicado pensar que uma formação irá resolver a maioria dos problemas e situações. Enfatizo que ela nos traz alguns conceitos básicos apenas para o "despertar" do estudo (G14, QUESTIONÁRIO).

Este é um trabalho que não deve se findar nesta proposta, mas espera-se que este seja o início de ações contínuas na instituição sobre a temática, pois este é um processo em construção. No momento de avaliação da formação, os participantes delinearam suas percepções sobre as possíveis relações entre estrutura curricular e saúde mental discente:

A estrutura curricular atual não contribui para a promoção da saúde mental no âmbito dos cursos e da instituição (P4, QUESTIONÁRIO).

Há pouco espaço para componentes que buscam uma formação mais humanística e integral (P1, QUESTIONÁRIO).

Destaca-se a ênfase na importância do currículo integrado, que não ocorre na prática como está posto na teoria:

A estrutura curricular de ambos os cursos é antiga e está defasada, necessitando uma reformulação, que está pendente por causa da criação dos currículos de referência [...] Os pontos a serem melhorados refere-se à necessidade de uma real integração entre as disciplinas, principalmente as disciplinas da área técnica quanto às disciplinas do núcleo comum (G13, QUESTIONÁRIO).

Muitas disciplinas e falta de integração no PPC. Existem apenas iniciativas informais para isso, mas que geram muitos bons resultados. Disciplinas de humanas têm apenas 1 aula de 45 min por semana (História, Geografia, Sociologia e Filosofia). Carga de Núcleo Comum baixa (teria que ser no mínimo 2000 horas). Carga de Área Técnica mais do que deveria (G14, QUESTIONÁRIO).

Acho que a estrutura precisa ser mais integrada do que hoje. Na prática, apenas ações pontuais de professores acabam fazendo a integração acontecer de fato. [...] Apesar da crítica, ainda acredito que este modelo é o melhor para o ensino médio, pois, mesmo não tendo a integração ideal, a mesma existe e ótimos resultados têm sido atingidos (G15, QUESTIONÁRIO).

Pensar a estrutura curricular integrada nos remete também ao perfil profissional que se espera desenvolver com as propostas de currículo dos EMI em Automação Industrial e em Química. Sobre isso, há divergências e incertezas nas opiniões sobre se este perfil é atingido pelo egresso destes cursos:

Acredito que sim (G13, QUESTIONÁRIO).

Não. Os perfis estão superestimados (G14, QUESTIONÁRIO).

Creio que em boa parte sim. (G15, QUESTIONÁRIO).

Sobre estes cursos, o EMI em Automação Industrial e EMI em Química, as opiniões acerca da sobrecarga de atividades foi pontuada pelos participantes também de forma divergente:

Em termos de estrutura curricular podemos observar a mesma sobrecarga em termos de quantidade de disciplinas em ambos os cursos (P6, QUESTIONÁRIO).

Em relação ao curso de automação, os estudantes possuem, no 1º ano, quantidade de disciplinas até inferior ao de um ensino médio regular, com a presença de apenas duas disciplinas técnicas que geralmente não produzem impacto negativo nos estudantes (P8, QUESTIONÁRIO).

Normalmente, os alunos de QUÍMICA se cobram mais em relação ao desempenho, tornando o Ensino Médio mais desgastante. Porém, não tenho certeza se isso se deve à grade ou ao perfil dos professores da Área técnica, já que no núcleo comum os professores são os mesmos (P11, QUESTIONÁRIO).

No convívio que tive em sala de aula com as duas turmas (há cerca de 6 anos), notava que as turmas de química possuíam o lado humano mais evidente em relação à turma de automação (G15, QUESTIONÁRIO).

Merece atenção às comparações significativas entre as condições de saúde mental dos alunos de cada curso, como também demonstram os trechos abaixo:

Creio que os alunos dos cursos integrados, por se envolverem em várias atividades e pela exigência dos estudos, acabam desenvolvendo algum tipo de sofrimento psíquico, *principalmente no curso técnico em Química* (G13, QUESTIONÁRIO, grifo nosso).

Os alunos de química são mais preocupados com o curso e os professores deste curso exigem mais deles. A quantidade de aulas é a mesma de ambos os cursos. Ambos os cursos possuem alunos com "sofrimento psíquico". *Mas a química tem muito mais*. Um chute seria 3x mais aproximadamente (G14, QUESTIONÁRIO, grifo nosso).

Durante a realização da formação alguns docentes também pontuaram a impressão de ter mais alunos em sofrimento psíquico no EMI em Química. Isso pode ser relacionado também ao fato de a maioria dos alunos que se dispuseram a participar da pesquisa ser da Química. Apenas dois participantes são alunos do EMI em Automação Industrial. Este é um dado que merece atenção e pode ser verificado em pesquisas futuras.

Os docentes de cada curso também possuem suas particularidades distintas e comuns, como pode ser observado nos relatos abaixo:

[...] há professores do núcleo comum e da área técnica, cuja formação, experiências e trajetórias profissionais são bastante distintas. O que pode ser apontado é o *grau elevado de capacitação* destes docentes para atuar neste nível de ensino. Não vejo diferenças dos docentes que atuam nestes dois cursos (G13, QUESTIONÁRIO, grifo nosso).

Cada docente tem sua personalidade distinta. Contudo, percebemos nos cursos que os professores de Química *têm mais titulação* e formalismo nas atividades. Os professores de Automação no geral realizam muitos trabalhos em grupos. O que eles têm em comum: estrutura curricular de ambos os

cursos têm mais disciplinas do que deveria na opinião da maioria (G14, QUESTIONÁRIO, grifo nosso).

Creio que o perfil é diferente. Na automação, vejo que a maioria dos professores ponderam o nível de exigência e os da química, apenas alguns, exigem muito mais dos alunos (G15, QUESTIONÁRIO).

Segundo Moura (2008), docentes, gestores e técnico-administrativos, juntamente aos estudantes, são os principais sujeitos envolvidos nas instituições de EPT, e por isso precisam ser profissionalmente bem formados e qualificados. Mas a formação e qualificação precisam

[...] ir além da aquisição de técnicas didáticas de transmissão de conteúdos para os professores e de técnicas de gestão para os dirigentes. Evidentemente, esses aspectos continuarão sendo importantes, mas o objetivo macro é mais ambicioso e deve privilegiar a formação no âmbito das políticas públicas do país, principalmente as educacionais, numa perspectiva de superação do modelo de desenvolvimento socioeconômico vigente, de modo que se deve priorizar mais o ser humano do que, simplesmente, as relações de mercado e o fortalecimento da economia (MOURA, 2008, p. 30).

Para Pereira (2017), o professor é um dos elementos essenciais para uma educação de qualidade. Sua excelência está atrelada às condições de trabalho, bem como à formação inicial e continuada. A rede federal possui incentivos à qualificação e plano de carreira que valorizam os docentes, em comparação com as outras redes públicas brasileiras, estaduais e municipais. Assim, os institutos possuem um corpo docente, em termos de titulação, com alta qualificação (PEREIRA, 2017). Todavia, a autora adverte que “no caso da rede federal, o tornar-se professor, em muitos casos, vem como consequência da aprovação no concurso. Daí a relevância da formação continuada” (p. 65).

No geral, o retorno dos participantes sobre a formação foi positivo:

Muito interessante o treinamento. Acrescentaria uma discussão em grupos, com possíveis ações a serem tomadas nos estudos de caso (P2, QUESTIONÁRIO).

Seria importante discutir e incentivar os demais segmentos da escola a participarem de formações como essa, além de torná-las contínuas (P9, QUESTIONÁRIO).

Momento necessário para a formação continuada dos docentes. Torço para que continue (P11, QUESTIONÁRIO).

Entretanto, o primeiro trecho denota como o sentido da formação não se estabeleceu de forma clara, na medida em que foi nomeada por esse professor como treinamento. Do mesmo modo, alguns retornos dos participantes indicam que a abordagem do tema e a proposta realizada não foram totalmente assertivas:

Eu acredito que a análise feita precisa ser aprofundada com mais referenciais teóricos, pois em alguns aspectos que foi apresentado acredito que com mais referenciais seria mais efetiva a reflexão. Digo, pois no meu caso em alguns

aspectos o que foi apresentado eu não concordo e o que foi apresentado não me fez mudar de opinião (P7, QUESTIONÁRIO).

Acredito que uma discussão maior sobre aspectos psicológicos, conteúdos próprios da psicologia mesmo, conceitos, poderia auxiliar os professores na detecção e no correto encaminhamento dos estudantes com sofrimento psíquico (P8, QUESTIONÁRIO).

As considerações dos docentes acima permitem pensar que não ficou claro para os mesmos o que se tratava de referencial teórico trabalhado e o que se tratava de conceitos próprios da psicologia. É necessário esclarecer que o conteúdo trabalhado estava fundamentado na pesquisa realizada, bem como em referenciais teóricos pertinentes à temática e ao contexto da EPT, que possibilitam as bases para a compreensão da realidade, pois se compreende para transformar: práxis.

O primeiro trecho denota a não compreensão sobre o fato de que a formação realizada refere-se a um espaço para discussão e trocas de saberes, sendo um processo de reflexão e levantamento de ações mais fundamentadas frente à temática abordada, em detrimento da tentativa de mudar a opinião dos participantes, que estão enraizadas nas experiências pessoais e profissionais ao longo de sua trajetória de vida. O segundo trecho, por sua vez, denota uma visão utilitarista e pragmatista, trazendo a necessidade de um alerta, pois a formação realizada não diz respeito à transmissão de teorizações psicológicas, que culminariam na psicologização das questões e vivências escolares, que seria tão prejudicial quanto à medicalização² destas mesmas situações. Isto é, utilizar teorias psicológicas ou diagnósticos médicos para explicar situações de ordem escolar ou social e assim individualizar uma questão que se estabelece nas relações interpessoais, culminando na medicalização do problema, como própria do sujeito, do aluno, sem considerar as determinações sociais e escolares que produzem a problemática. Portanto, o intuito da formação foi o de instrumentalizar os participantes com conteúdos que permitam a melhor compreensão da temática abordada, a sensibilização e a empatia pelos discentes em sofrimento psíquico. Vale mencionar que este é um conceito que parece ter sido bem apropriado pelos participantes, tendo em vista a utilização do mesmo nos comentários, em detrimento de expressões diagnósticas, como se buscou esclarecer na formação.

O conceito de sentido, trabalhado nessa pesquisa, também contribui para entender as percepções docentes frente à formação, visto que “[...] por mais que o significado de algo seja semelhante em qualquer contexto, o sentido produzido pode variar” (MARTINS, 2018, p. 91). Assim como em Shermack (2015),

² Sobre psicologização e medicalização de questões escolares verificar Prediger (2010) e Souza (2013).

[...] embora todos os professores estejam inseridos na mesma rede, seguindo um único estatuto e proposta político pedagógica, cada um ressignificou de modo diferente [...]. São essas diferenças que permitiram (ou não), que reinventasse a prática, criando estratégias e alternativas diferentes (p. 2015).

Para Martins (2018), este movimento e processo reflexivo podem possibilitar novas ações, capazes de fomentar novos significados para as escolhas pedagógicas que fazemos. Para a autora, “[...] é o nosso próprio fazer que nos indaga sobre o modo que o fizemos, suscitando novas organizações e inferências” (MARTINS, 2018, p.89-90).

Destarte, buscou-se com esta formação contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, “[...] na expectativa de que essa sociedade vá sendo construída gradativamente e que a educação contribua para isso” (MOURA, 2008, p. 27). Ao considerar que a promoção da saúde se dá nos espaços em que as pessoas habitam, os IFs seguramente podem se tornar “[...] ambientes em que se constroem as condições para a promoção do bem-estar individual e coletivo” (BRITO, 2017, p. 158). Resultados satisfatórios, das ações promotoras de saúde na escola, somente ocorrerão com a participação e envolvimento de toda a comunidade escolar: alunos, docentes, funcionários e pais ou responsáveis, a partir do pensamento crítico e científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um sistema produtor de mercadorias, cuja lógica de produtividade constitui-se em um processo destrutivo, que culmina na precarização da força humana de trabalho como sustentáculo para sua sobrevivência, os resultados na educação são tão maléficos quanto no mundo do capital: despotencialização da vida, adoecimento psíquico, responsabilização do indivíduo por seu fracasso ou sucesso e medicalização. Professores reforçam esta tese quando exigem da CSP e do psicólogo escolar a resolução do “problema psíquico do aluno”, quando se sabe que o adoecimento se dá nas relações sociais, especialmente nas relações entre alunos e professores.

Assim, pode-se pensar que não é o excesso de disciplinas ou atividades que adoecem os alunos, mas sim as contradições dadas pela desigualdade social que se expressa nas relações sociais e de opressão (legítimas e sutis). A reprodução social que a escola produz explica melhor o sofrimento dos estudantes: preconceito de classe; gênero, relação de opressão e autoritarismo. Isto é, o sofrimento psíquico dos estudantes está atrelado a outros fatores para além do excesso de atividades no EMI, se pensarmos que são filhos da classe trabalhadora, seres sociais; têm a percepção de precarização do trabalho, sofrem o mal estar geral da sociedade mediada pelo capital.

Desta forma, algumas questões podem ser levantadas para pesquisas futuras. Quem são estes alunos que mais sofrem? A intensidade deste sofrimento é maior no aluno de qual gênero? A renda familiar destes alunos é menor que a da média? Entre os jovens da classe trabalhadora mais precarizada estes sofrimentos são mais agudos/latentes? Quem são esses professores que atuam com estes alunos? Os docentes do EMI dos IFs trabalham comprometidos com a superação da dualidade histórica da escola? Estas questões exigem a apropriação de dados sobre classe social e trajetória escolar e profissional dos sujeitos da pesquisa.

Em teoria, o currículo integrado, em seu sentido mais profundo, pode promover a saúde mental de estudantes ao concebê-los como seres construídos em suas relações sociais, nas quais podem atuar de forma a transformá-las, desde que seu processo de ensino-aprendizagem proporcione a construção do pensamento crítico e a possibilidade de desenvolvimentos de todas as suas potencialidades, enquanto ser humano. Uma escola que promove a saúde de seus estudantes os estimula a pensar criticamente e a entender a relação dos conteúdos científicos com a vida de cada um. Todavia, não se pode esquecer que a escola atual reproduz várias formas de violência. A contradição

está na própria escola. Em um contexto social de desigualdades e misérias sociais que atravessam a escola, a promoção da saúde mental discente torna-se utópica.

Com base nisso, a formação continuada proposta e desenvolvida como produto educacional se apresentou como uma atuação na contradição do sistema capitalista, já que enquanto não houver a sua superação desta lógica neoliberal, toda ação emancipadora se dará na contradição, como uma tentativa de trilhar um caminho mais humanista na escola, em detrimento da reprodução e legitimação da lógica capitalista na instituição escolar.

Mesmo assim, foi possível pontuar resultados positivos, mas demonstrou ser uma ação limitada, se concebida de forma isolada. É necessário o compromisso de toda a comunidade escolar com a promoção da saúde mental discente. Outra proposta de encaminhamento que poderia ser pensada também seria uma formação sobre EPT e saúde mental para os servidores que ingressam nos IFs, como um processo de ambientação ou acolhimento ao novo campo de trabalho, a fim de abordar com esses novos servidores as especificidades e bases conceituais da EPT, a filosofia de educação proposta pelo IF, bem como as relações com a saúde mental discente e de todos os educadores.

Entende-se, portanto, que a saúde mental não é um fenômeno isolado; há determinações históricas e sociais para a saúde mental destes estudantes. Neste sentido, as propostas em contexto escolar devem se dar no sentido da práxis; para compreender a relação entre o particular e o geral; sujeito e sua realidade social e objetiva.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. R. D.; SÁ, I. R. M. R. Boas vindas, técnico: acolhimento e prevenção ao bullying na escola. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 2, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 15-31.
- ALVES, H. C. O. Intervenção em grupo no contexto escolar: uma forma de prevenir e promover saúde mental com grupos. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 3, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 136-146.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a qualificação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo. 2009.
- BENITE, A. M. C. Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional. **Revista Ibero-americana de Educação**, Araraquara, n.50, v.4, set. 2009.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a psicologia da Educação. In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (Orgs). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 43-59.
- BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008, p. 481-486.
- BUENAVIDA. Não chame de ansiedade: 8 exemplos de como banalizamos as doenças mentais. **El País**. Edição Brasil, 18 out. 2018. Ciência. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/ciencia/1539172132_998979.html> Acesso em: 23 abr. 2019.
- BRAGA, G. C. et al. A enfermagem e a promoção de saúde mental na escola: reconhecimento e empoderamento das emoções. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermagem Pediátrica**. v. 15, n. 1, p. 60-66, Jun. 2015. Disponível em: <https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n1/vol_15_n_2-relato-de-experiencia-1.pdf> Acesso em: 23 abr. 2018.
- BRESSAN, R. et al. Promoção de saúde mental e prevenção de transtornos mentais no contexto escolar. In: ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 37-49.
- BRITO, D. D. S. A escola como um espaço de construção para a promoção da saúde mental: um relato de experiência. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 4, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 155-166.
- BROCCOLICHI, S. Um paraíso perdido. In: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008, p. 505-514.

CÂNDIDO, M. R. et al. Conceitos e preconceitos sobre transtornos mentais: um debate necessário. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p.110-117, Dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-69762012000300002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 23 abr. 2018.

CARDOSO, V.; REIS, A. P.; IERVOLINO, S. A. Escolas promotoras da saúde. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19872/21946>> Acesso em: 07 abr. 2018.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. **Trabalho Necessário**. Niterói, v.3, n. 3, p. 01-20, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>> Acesso em: 01 jul. 2019.

CONTINI, M. L. J. **O psicólogo e a promoção de saúde na educação**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CORREIA, A. M. B. Reflexões de uma Psicóloga Escolar no Ensino Superior: uma análise de como os testes psicológicos podem auxiliar na identificação e prevenção do suicídio. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 3, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 58-84.

CLIQUET, M. B.; RODRIGUES, I. S. Grupo tutorial e a saúde mental no ensino médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Brasília, v. 40, n. 4, p. 591-601, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022016000400591&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 07 abr. 2018.

DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005> Acesso em: 23 abr. 2018.

FARIA, A. A. G. T. Experiências e sentidos da escola na perspectiva dos jovens no Instituto Federal de Alagoas – IFAL. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 2, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 78-94.

_____. Experiências de escolarização: sentidos e projetos de futuro de jovens /alunos do Instituto Federal de Alagoas. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

FIGUEIREDO, A. M. et al. Percepções dos estudantes de medicina da UFOP sobre sua qualidade de vida. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Ouro Preto, v. 38, número 4, p. 435-443, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n4/04.pdf>> Acesso em: 23. abr. 2018.

FUKUDA, C. C. et. al. Mental health of young brazilians: barriers to professional help-seeking. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 33, n. 2, p. 355-365, abr/jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200355> Acesso em: 07 abr. 2018.

FRIGOTTO, G. ; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GAINO, L. V. et al. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. **SMAD**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 108-116, abr/jun. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/149449/151279>> Acesso em: 10 mai. 2019.

GALLARDO, I.; LEIVA, L.; GEORGE, M. Evaluación de la aplicación piloto de una intervención preventiva de salud mental en la escuela: variaciones en la desadaptación escolar y en la disfunción psicosocial adolescente. **Psykhé**. Santiago, v. 24, n. 2, p.1-13, 2015. Disponível em: < <http://www.psykhe.cl/index.php/psykhe/article/view/649>> Acesso em: 11 jun. 2018.

GIGANTESCO, A.; CASCAVILLA, D. D. R. A student manual for promoting mental health among high school students. **Annali dell’Istituto Superiori Di Sanità**. Roma, v. 49, n. 1, p. 86-91, 2013. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/article/aiss/2013.v49n1/86-91/>> Acesso em: 07 abr. 2018.

GIROUX, H. A. Professores como intelectuais transformadores. In: **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164.

GOMIDE, D. C. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. In: XI Jornada do HISTEDBR, 2013, Cascavel. **Anais...** Disponível em: Acesso em: 04 jun. 2018.

GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (Orgs). **A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 27-42.

GONÇALVES, M.; MOLEIRO, C. Resultados de um programa piloto de desestigmatização da saúde mental juvenil. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**. Lisboa, v. 34, n. 3, p.276–282, set. 2016. Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252016000300009> Acesso em: 07 abr. 2018.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-21, jun. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342001000200004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 08 abr. 2018.

JORGE, J. P. Saúde mental discente: reflexões a partir da experiência como psicóloga escolar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 8, Teresina: EDUFPI, 2018. p. 93-103.

_____. Psicologia escolar e educação profissional e tecnológica: uma prática em construção. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 1, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 35-52.

LARGER, A. I. et al. Mindfulness y promoción de la salud mental en adolescentes: efectos de una intervención en el contexto educativo. *Revista Médica de Chile*. Santiago, v. 145, n. 4, p.476-482, 2017. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0034-98872017000400008&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em: 07 abr. 2018.

LEIVA, L. et al. Intervención preventiva de salud mental escolar en adolescentes: desafíos para un programa público en comunidades educativas. **Universitas Psychologica**. Bogotá, v. 14, n. 4, p.1285-1298, out/dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/13510>> Acesso em: 11 jun. 2018.

LOUREIRO, T. J. L. **Juventudes e projetos de futuro: possibilidades e sentidos do trabalho para os estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES)**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

LOUREIRO, L. et al. Reconhecimento da depressão e crenças sobre procura de ajuda em jovens portugueses. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. Porto, n.7, p. 13-17, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602012000100003> Acesso em: 07 abr. 2018.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional. Campinas: Alínea, 2010.

MARTIOLI, A. S.; MARTÍNEZ, V. C. V. Brincadeiras perversas: uma leitura psicanalítica do bullying escolar. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 3, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 193-212.

MARTINS, M. A. R. **Sentidos atribuídos às relações formativas no âmbito do programa professor aprendiz**. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000300007&script=sci_abstract> Acesso em: 08 abr. 2018.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; MICHELI, D. D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 119-135, jan./mar. 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n1/1517-9702-ep-41-1-0119.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

MOURA, D. H. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Natal, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2008. Disponível em: < <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863>> Acesso em: 10 jul. 2019.

MOUTINHO, I. L. D. et al. Depression, stress and anxiety in medical students: a cross-sectional comparison between students from different semesters. **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo, v. 63, n. 1, p. 21-28, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302017000100021&script=sci_abstract> Acesso em: 07 abr. 2018.

NAKAMURA, E.; PLANCHE, M.; EHRENBERG, A. The social aspects in the identification of children's mental health problems in two health services in Paris, France. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, v. 22, n. 65, p. 411-422, abr/jun. 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000200411> Acesso em: 07 abr. 2018.

NUNES, A. I. B. L.; ROCHA, E. S. Saúde mental e educação: a escola como cenário de possibilidades de desenvolvimento docente. **Revista de Administração Educacional**. Recife, v. 1, n. 2, p.139-153, jul/dez. 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/2334/0>> Acesso em: 23. Abr. 2018.

OCHOA, A. M. M.; ARANGO, A. C. G. Salud mental, función docente y mentalización en la educación preescolar. **Revista Cuadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 19, n.1, p.117-125, jan/Abr. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572015000100117&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em: 07 abr. 2018.

PACHECO, E. M. **Os Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010.

PATTO, M. H. S. Para uma crítica da razão psicométrica. **Revista Psicologia USP**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 47-62. 1997. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100004> Acesso em: 20 set. 2016.

PEREIRA, E. A.; BOCK, A. M. B. A dimensão subjetiva da escolarização de jovens do ensino médio integrado ao técnico em um campus do instituto federal de São Paulo. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar**: do ensino técnico ao superior. 1ª ed., vol. 8, Teresina: EDUFPI, 2018. p. 14-31.

PEREIRA, E. A. **A dimensão subjetiva da escolarização profissional**: um estudo com jovens do ensino médio integrado ao técnico em um campus da rede federal. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n.11, p. 3509-3522, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001103509&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 23 abr. 2018.

PREDIGER, J. **Interfaces da psicologia com a educação profissional, científica e tecnológica**: quereres e fazeres. 2010. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RAMOS, M. N. O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 771-778, jul/set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a09v32n116.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. Ensino médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. **Expansão da Rede Federal**. Portal da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, 2016. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>> Acesso em: 20 mar. 2018.

RIBEIRO, A. B.; CARMO, C. C. O respeito à diversidade e o combate ao bullying: um projeto para o respeito às diferenças com alunos ingressantes no Ensino Médio Profissionalizante do IFAP. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar**: do ensino técnico ao superior. 1ª ed., vol. 8, Teresina: EDUFPI, 2018. p. 46-60.

ROCHA, A., et al. Saúde Escolar em Construção: Que Projetos? **Millenium**. Viseu, v. 41, p. 89-113, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium41/7.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

ROMO, M. L.; KELVIN, E. A. Impact of bullying victimization on suicide and negative health behaviors among adolescents in Latin America. **Revista Panamericana de Salud Pública**. Washington, v. 40, n. 5, p. 347-355, nov. 2016. Disponível em <<https://www.scielosp.org/article/rpsp/2016.v40n5/347-355/>> Acesso em: 07 abr. 2018.

SANTOS, J. C. et al. + Contigo na promoção da saúde mental e prevenção de comportamentos suicidários em meio escolar. **Revista de Enfermagem Referência**. Coimbra, v. 3, n. 10, p. 203-207, jul. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832013000200022> Acesso em: 07 abr. 2018.

SANTOS, M. T. A.; MORILA, A.P. A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: uma trajetória de projeções utilitaristas e seus percalços. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n.4, p. 119-149, Espírito Santo, mai. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/19731>> Acesso em: 21 ago. 2019.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.1, n.1, p. 131-152, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462003000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 23 abr. 2018.

_____. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012> Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. **Escola e democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, K. A. C. P. C. A formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9461/1/ARTIGO_FormacaoProfessoresPerspectiva.pdf> Acesso em: 20 set. 2016.

SILVA, A. G.; CERQUEIRA, A. T. A. R.; LIMA, M. C. P. Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 17, n. 1 p. 229-242, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2014000100229&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 07 abr. 2018.

SILVA, F. C.; SIMONETTO, K. C. C. Análise de produções científicas sobre a saúde mental do professor na educação. **Pedagog. Foco**, Iturama, v. 11, n. 5, p. 95-108, jan./jun. 2016. Disponível: < <http://docplayer.com.br/45801811-Analise-de-producoes-cientificas-sobre-a-saude-mental-do-professor-na-educacao-resumo.html>> Acesso em: 23 abr. 2018.

SOARES, A. G. C. et al. Percepções de professores de escola pública sobre saúde mental. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 6, p. 940-948, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n6/pt_0034-8910-rsp-48-6-0940.pdf> Acesso em: 23 abr. 2018.

SODRÉ, E. N. Processos de escolarização, sofrimento psíquico e medicalização da vida. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª ed., vol. 2, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 167-178.

SOUZA, B. P. (Org.) **Orientação à queixa escolar**. 2. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

SOUZA, C. R. A criança em atendimento em saúde mental na sala de aula do ensino regular. **Revista do Sell**, Uberaba, v. 1, n.1, 2008. Disponível em:<<http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/viewFile/7/6>> Acesso em: 20 set. 2016.

SCHERMACK, L. V. **A política de recuperação intensiva no estado de São Paulo:** um estudo de caso sobre os sentidos de professores do ensino fundamental. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015.

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 123, abr/jun, p. 551-571, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302013000200013&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 set. 2016.

TAVARES, M. G. **Evolução da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica:** as etapas históricas da educação profissional no Brasil. In: IX ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/177/103>>. Acesso em: 24 out. 2014.

TENÓRIO, L. P. Saúde mental de estudantes de escolas médicas com diferentes modelos de ensino. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Brasília, v. 40, n. 4, p. 574-582, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022016000400574&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 07 abr. 2018.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VIEIRA, A. G. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. Araraquara, v. 12, n. 2, p. 916-932, abr/jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8492>> Acesso em: 07 abr. 2018.

VIEIRA, M. A.; et al. Saúde mental na escola. In: ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo A. (Org.) **Saúde Mental na Escola:** o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 13-23.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

WITTACZIK, L. S. Educação profissional no Brasil: histórico. **E-Tech: Atualidades Tecnológicas para Competitividade Industrial**, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://revista.ctai.senai.br/index.php/educacao01/article/view/26>> Acesso em: 04 ago. 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Promoting mental health:** concepts, emerging evidence, practice: report of the World Health Organization, Department of Mental Health and Substance Abuse, 2005.

ZITZKE, V. A.; CALIXTO, P. M. Integração curricular no ensino médio integrado à educação profissional técnica: a percepção dos educandos do curso técnico em vestuário do iful/cavg. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Natal, v. 2, n. 15, p. 01-14. 2018. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7474>> Acesso em: 10 mai. 2019.